

GAGLIARDI, Caio. *O renascimento do autor: autoria, heteronímia e fake memoirs*. São Paulo: Hedra, 2019.

Luís Fernando Prado Telles¹

A presente publicação de Caio Gagliardi, professor da área de literatura portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, onde coordena o grupo *Estudos Pessoaanos*, firma-se como obra de referência para os estudos literários no Brasil. Constitui-se como um livro ímpar no cenário nacional, de um lado, pela contribuição à teoria literária, especificamente no que tange ao debate sobre o conceito de autor; de outro, pela sofisticada hipótese de leitura da obra de Fernando Pessoa que oferece. Partindo de Pessoa e retornando a Pessoa, Gagliardi empreende um instigante e elucidativo percurso de reavaliação das teorias sobre a autoria e, ao propor uma reinterpretação da heteronímia pessoana, acaba por reconfigurar o próprio debate teórico, oferecendo a este uma nova e revigorada forma de entendimento do conceito de autor em nossa contemporaneidade.

O livro estrutura-se em quatro capítulos oriundos de trabalhos anteriores, três deles já publicados como artigos e um inédito, apresentado em numa versão resumida num congresso. Gagliardi explica isso e indica as fontes em sua nota preliminar. Os capítulos primeiro, terceiro e quarto são resultados de suas pesquisas de pós-doutorado, realizado entre os anos de 2007 e 2008. Já o segundo capítulo, apesar de inédito no formato em que se encontra, teve sua primeira redação como parte final da tese de doutorado de Gagliardi sobre Fernando Pessoa defendida em 2005 na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Apesar de este ensaio figurar como

1 Professor de Teoria Literária da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Possui bacharelado e licenciatura em Letras (1997), mestrado (2000) e doutorado (2009) em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), possui pós-doutorado pela Universidade de São Paulo (USP).



capítulo segundo, em certo sentido, e possível considera-lo como estando na origem de todos os outros. De sua análise sobre *Chuva Obliqua* é que parece ter derivado o debate sobre o conceito de autoria que perpassa os demais capítulos, de diferentes formas. É nesse sentido que, em termos teóricos, Gagliardi parte de Pessoa para enfrentar o debate sobre a autoria e a ele retorna para oferecer respostas a alguns impasses conceituais com os quais se depara.

O primeiro capítulo do livro, intitulado “Autoria e heteronímia na moderna teoria da literatura” foi publicado na revista *Estudos Avançados* da USP em 2010, sob o título “O problema da autoria na teoria literária: apagamentos, retomadas e revisões”. Nesse primeiro capítulo, Gagliardi estabelece o impasse teórico que serve de abertura ao livro, aquele que coloca o conceito de autor como o fiel da balança no processo de busca de sentido do texto literário.

De um lado, alinha as teorias que se apresentaram como recusas ao protagonismo do autor como detentor do sentido do texto. Identifica no final do dezenove, com Rimbaud e Mallarmé, indícios de um processo de emancipação da linguagem em detrimento do papel do sujeito e realiza um pormenorizado percurso sobre os debates teóricos que se impuseram a partir do início do vinte, passando pela crítica de Proust ao biografismo de Sainte-Beuve, pelo protagonismo da linguagem imposto pelos conceitos formalistas de Jakobson e Chklovski, pelos antibiografismos de Wellek e Warren, Kate Hamburger, T.S. Eliot, Croce, pela noção de “falácia intencional” de Wimsatt e Beardsley, culminando com uma visitação às teorias estruturalistas e pós-estruturalistas de Derrida, Foucault e Roland Barthes.

De outro lado, Gagliardi alinha teorias que se mostraram como contrapontos a essa gama de “anticonceitos”, como diz, e que procuraram recolocar o autor no processo de criação de sentido da obra, sem, contudo, negligenciarem o papel da linguagem ou incorrerem numa regressão aos princípios briografistas. Para tanto, traz à baila as formulações do autor como um leitor criativo de Harold Bloom, o conceito de “autor-implícito” de Wayne C. Booth, aquele que seria a projeção de uma versão implícita do autor no texto. Nesse mesmo sentido, também aponta para uma recente busca de se reavivar a validade da noção de intencionalidade, seja aquela proposta por Paul de Man, ou por aquilo que chama de um meio termo entre a intenção do autor e a do leitor, que seria a “*intentio operis*” proposta por Umberto Eco, ou ainda a formulação proposta por Antoine Compagnon acerca da noção de “intenção em ato”. Para Gagliardi, contudo, nenhuma dessas propostas teóricas seriam suficientes para recolocarem de modo satisfatório o problema da autoria na contemporaneidade.

Como forma de aprofundamento da discussão, Gagliardi apresenta, na terceira seção do capítulo inicial, a sua hipótese própria acerca da autoria recorrendo à noção de heteronímia de Fernando Pessoa. A heteronímia serviria para retirar a discussão sobre o sentido atrelado à autoria da dicotomia entre a anterioridade da intenção ou a posterioridade da leitura e lançaria o lugar da autoria ao presente contínuo da enunciação, “alguém se torna autor quando coincide com a

escrita, no ato da enunciação, e nunca antes ou depois dela”(p.33). A heteronímia reafirmaria o autor não como uma instância de validação anterior ao texto, mas, sim, como efeito de sentido de um texto. Assim, o sujeito do texto se revelaria por meio do estilo nele encenado, o sujeito projetado como autor seria aquele “plasmado em linguagem”, de maneira que a heteronímia revelaria o fato de que “a escrita não se realiza por um autor; ela se perfaz para um autor”(p.33), de modo que, então, escrever literatura e constituir-se como autor significa “heteronimizar”.

A tese que encerra o primeiro capítulo do livro é, em certo sentido, uma espécie de conclusão resumida daquilo que é demonstrado de modo bastante minucioso no segundo capítulo, por meio da leitura que Gagliardi realiza do poema *Chuva Obliqua*, de Fernando Pessoa. Ao investigar, como diz, o problema da paternidade desse poema, Gagliardi passa a problematizar a própria noção de heteronímia, na medida em que deslinda rastros que revelam um direcionamento titubeante de Pessoa ao atribuir a paternidade de *Chuva Obliqua* a Bernardo Soares antes de defini-lo como sendo de autoria do próprio “Fernando Pessoa”. Do problema da paternidade de *Chuva Obliqua* Gagliardi extrai uma reinterpretação da heteronímia, retirando-a da compreensão reforçada pela crítica de busca por personalidades muito bem demarcadas nos heterônimos. Por outro lado, entende, a partir a investigação dos meandros do discurso pessoano, a heteronímia como um problematizador de subjetividades e não como um delimitador, visto que “em torno de um mesmo nome, vão-se reunindo multiplicidades de estilo que escapam ao suposto comando de personalidades criadoras bem delineadas”(p.43), nesse sentido, considera que “a dissolução da heteronímia, entendida como o contorno ficcional fornecido a diferentes escritas, está prevista em seu próprio âmago”(p.43).

Em certo sentido, é como se cada heterônimo, ao se abrir à possibilidade de escrever diferente, de acordo com um estilo que não corresponde necessariamente ao projeto biográfico criado para enclausurar sua produção e servir de princípio organizador de uma obra, revelasse o pressuposto ilusório que estaria em toda tentativa definitiva de autoria que tenha como princípio a noção de uma subjetividade homogênea, fixa, delimitável e imutável. Por outro lado, o que essa reconfiguração da compreensão de heteronímia teria a capacidade de revelar seria justamente o fato de que se fazer autor significa se fazer diferente, projetar sempre um outro de si, considerando, inclusive, que os limites entre o outro e o eu são difusos. Cada escrita seria, pois, uma versão de si que se projeta e contribui para construir o eu de que emana, o eu do autor seria, então, o resultado da construção de suas projeções. É nesse sentido que escrever é heteronomizar e, portanto, ser autor não seria afirmar-se uno, coerente e delimitável, mas diverso, múltiplo e complexo.

Se o segundo capítulo do livro se apresenta, duplamente, como o ponto de partida e de chegada para a conclusão apresentada no primeiro, os seguintes também podem ser entendidos como desdobramentos do que fora já apresentado no capítulo inicial, de um lado por retomar a questão do apagamento do autor na teoria contemporânea, de outro por retomar a questão do renascimento do autor.

O capítulo terceiro retoma o problema do enfraquecimento da noção de autor na teoria literária, mais particularmente por meio de uma nova leitura crítica do ensaio “A morte do autor”, de Roland Barthes. Gagliardi reconduz nosso olhar para o momento histórico da revolução cultural de 68 que serve de berço ao discurso barthesiano de desconstrução de uma certa noção de autor associada à opressão e ao discurso burguês. A partir dessa leitura, Gagliardi busca recolocar, na contemporaneidade, as implicações desse texto de Barthes para duas questões contemporâneas, a da comunicabilidade da poesia e a da falência da crítica. Como contraponto crítico, talvez, nesse ensaio, coubesse o exercício de um diálogo com a obra de Foucault, autor mencionado rapidamente no capítulo inicial, cujo texto *O que é um autor* encontra-se inserido no mesmo momento histórico do de Barthes, mas oferece uma resposta diferente.

O quarto e último capítulo do livro, por outro lado, abordará a questão da retomada do lugar de importância do sujeito empírico no debate sobre autoria, principalmente no tocante ao processo de recepção literária na contemporaneidade. De modo bastante didático e instigante, Gagliardi estabelece a diferenciação entre disfarce e fraude autoral, O disfarce autoral seria um recurso legítimo e, de acordo com a lógica da autoria explorada nos capítulos iniciais, constitutivo do fenômeno literário, em que se inclui o fenômeno da pseudonímia, por exemplo. Já a fraude autoral não implicaria apenas uma ocultação ou omissão, por meio de um disfarce, mas aquela que constrói a autoria a partir de uma inverdade, tal como são os casos das obras supostamente memorialistas ou testemunhais, mas cujos conteúdos acabaram se revelando falsos, porque não baseados em fatos reais. São os casos de livros que se tornaram grande sucesso de público e de vendas, tais como os de Misha Defonseca, Benjamin Wilkomirski, Laura Albert e James Frey, todos autores que conseguiram sucesso mercadológico e midiático e que, posteriormente, foram revelados como autores de falsas memórias. A partir da análise cuidadosa que realiza desses vários casos de “fake memoirs”, Gagliardi convoca Borges, Eco e Pamuk para a discussão e conduz o ensaio a uma revisão bastante sofisticada sobre o papel do sujeito empírico na escrita e de sua relação com a máscara autoral, refletindo, principalmente, sobre as implicações éticas e estéticas na leitura de literatura.

O renascimento do autor: autoria, heteronímia e fake memoirs cumpre um papel duplo, ao mesmo tempo em que pode ser tomado como um didático e agradável guia sobre as principais discussões acerca da autoria no século XX e XXI, também se apresenta como uma tese nova frente às teorias que apresenta. Trata-se de uma obra que merece figurar nas bibliografias dos cursos de letras tanto pelo caráter informativo e formativo quanto pelo aspecto inovador.